N.° 45

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Hoje Terça Feira 27 de Fevereiro de 1827.

S. Leandro, Arcebispo de Sevilha.

Preamar as 6 horas e 6 minutos da tarde.

(Continuaçaõ do N.° 44, pag. 175.)

A nossa agricultura esta' em miseravel estado; mas naõ toda porque a a dos vinhos naõ vai ainda taõ decahida como a dos cereaes. E essa mesma tem, com quanto lentamente, melhorado muito do triste estado em que a achou a lei de 1821.

Os vinhos saõ o nosso primeiro genero de cultura e exportaçaõ. Que tem feito a administraçaõ para o animar? Quantos tracados de commercio poderiaõ fazer com as potencias cujos generos nos importamos, ou podemos importar!

A cultura das arvores para madeira he huma cousa abandonada inteiramente entre nós, e todavia quasi naõ hàvera' genero algum de arvore que em nosso clima se naõ dê perfeitamente. Resta-nos o pinhal de Leiria, antiga plantaçaõ daquelle rei D. Diniz que a historia e a posteridade designaraõ com o mais honroso e glorioso titulo que ainda a rei se deu, o de Lavrador.

Naõ fallaremos da exploraçaõ das minas, que muitas temos; naõ mencionaremos as fabricas, das quaes muitas ja floreceraõ tanto, muitas facilimamente podem florecer; isso exige longo, pauzado espaço para se tratar, nòs so podemos por ora tocar os capitulos das cousas. N'uma porêm nos demoraremos um momento mais, que hé a mais certa e poderosa causa de nossa pobreza; queremos fallar da falta de communicaçaõ em que as provincias do reino estaõ umas com outras, estaõ ainda entre si as terras de uma mesma provincia. Este estado de isolaçaõ produz dous males terriveis que um do outro se geraõ, I.° a nulidade do commercio interior que he a mais segura fonte da prosperidade publica, que he aquelle que maior numero de cidadãos enriquece, o que mais espalha e equilibra as fortunas publicas: 2.° a estagnaçaõ, que dahi provêm, dos grandes capitaes nas terras principaes do reino, que por naõ terem canal por onde se derivem para ir fertilizar o interior do paiz, ou apodrecem nas burras dos enormes capitalistas, ou refluem para mais industriosos paizes.

E sem fallar nas estradas, cuja administaçaõ tem sido sempre a mais absurda; quantos ribeiros ha em Portugal que podem formar excellentes canaes para a chamada —navegaçaõ de terra?— quantos rios que seriaõ navégaveis se taõ somente removessem os obstaculos que a sensualidade e a cubiça dos grandes proprietarios ecclesias-

ticos e seculares lhe tem pôsto com suas açudes, pesqueiros &c. &c.; quantos que sem muita despeza o seriaõ?

Quando em hum paiz ha tantas fontes de prosperidade e riqueza, por muito que lhas tenhaõ entupido, nunca esse paiz pode deixar de ser rico logo que seus administradores o queiraõ.

A muitas causas se pode attribuir o estado de despopulaçaõ do reino. Naõ somos nós da opiniaõ dos que pensaõ que a povoaçaõ de Portugal tenha progressivamente diminuido; antes cuidamos bem que desde a dominaçaõ romana nunca ella foi muito maior do que hoje he. Porem essa questaõ nem he d'este logar, nem de primeira importancia para o nosso caso. Seja porem o que for, o que naõ temos duvida de sustentar como these he que suas causas primordiaes saõ a emigraçaõ e o celibato. Estas duas tem um só principio, o —erro— ou —insufficiencia— da legislaçaõ. Naõ ha grandes emigrações d'um paiz fertil se as leis protegem a industria, ou pelo menos a naõ vexaõ; ainda a historia dos povos naõ deu um so exemplo d'essa maravilha. Entre nós ha quatro especies de celibato, o —legitimo,— o —quasi-legitimo,— o da —necessidade— e o da —devassidaõ: —o primeiro, que he o religioso, naõ he hoje tam funesto como ja foi e como muita gente pensa. Teremos repetidas occasiões de voltar a este assumpto nas folhas d'este periodico, e pedimos aos leitores nos naõ julguem ja sobre a opiniaõ que aqui emitimos. O quasi-legitimo, que he o militar, he peior e mais damnoso ainda; e fraco remedio tem; mas pode ser que de algum paliativo fosse susceptivel. O celibato da necessidade desapparecera' logo que cesse a escassez das subsistencias que o produz; o da devassidaõ emendam-no as leis, naõ pelo errado methodo das multas sobre os celibatarios ou penas aos mal morigerados, mas com os privilegios contemplaçoes, e concideraçaõ que der aos homens casados; consideraçaõ e privilegios que deve dar, e de que nossa antiga legislaçaõ deu bom exemplo.

(Continuar-se-ha.)

(Continuaçaõ do N.° 44 pag. 176.)

O Courier (Folha Ingleza ministerial) fallando a cerca dos Rebeldes Portuguezes, e seus Co-adjutores traz s seguintes observações. =

" O que querem estes Fanaticos? Querem huma guerra de opiniões? Huma guerra cuja origem difficultozamente pode definir-se, e cujas consequencias ninguem pode calcular = Demos-lhes antes ó que elles melhor entendem, e mais dextramente sabem manejar: concedamós-lhes huma guerra de palavras: — a Vida de milhões — o interesse commum da Sociedade, naõ deve sacrificar-se somente porque clamores turbulentos pertendem affogar a voz, e os dictames da Razaõ " = &c. Em quanto huma rebelliaõ formal devasta o Territorio, e ameaça, a querer anniquilar o Throno de Portugal a Camara de seus Pares absurdamente se occupa em discutir sobre o Uniforme Senatorio de que deveraõ usar, decidindo que em dias ordinarios seja de panno azul bordado de Ouro &c. !!! Os Deputados da Camara electiva, ou baixa tem no entanto Sessões diarias, que consagraõ a adopçaõ de medidas adequadas a crise perigoza em que se achaõ.

(Athis.)

Snr. Redactor.

Ainda que sejaõ bastantemente judiciosos os motivos, pelos quaes o seu

correspondente censurou no Diario de hontem os brincos assalvajados do — Entrudo — fragmento barbaro do gothico edificio, que a illustraçaõ do Seculo a muito devèra inteiramente ter despedaçado, naõ he comtudo aquelle o lado mais proprio, pelo qual tal habito deva encarar-se para provar o quanto alem de ridiculo, elle se torna prejudicial.

A pezar de que este periodo de demencia publica poucas vezes passa sem que por imprudencia de estouvados, occorraõ repetidos accidentes, quero mesmo conceder, que o mal positivo, que no momento resulta, seja nimiamente insignificante, ou até nullo; nem por isso virà elle a ser menos funesto. Que golpe naõ sofre a moral publica? Que ataque o decòro da Sociedade? Os vinculos da subordinaçaõ, e do respeito huma vez allassados, dificultozamente se reapertaõ. A turbulencia se disfarça em galanteria. A perversidade toma o nome engraçado de brinquedo. O incommodo de outrem torna-se em objecto de irrisaõ, e de mòffa para seus insolentes aggressores. Em duas palavras o tareco mais engenhoso em praticar travessuras, e despropositos he na mente de seos companheiros, tido em conta do Heròe mais decantado, e immortal Corifêo de futilidades.

Sobre corações juvenis que effeito deveraõ produzir taes sceas, naturalmente agradaveis, por isso que, como a mesma mocidade, sempre vivas e strepitozas? Acazo de Expectaculos taõ inuteis derivaraõ a mais leve sombra de hum sò dever social? Tanta licença, naõ sò tolerada, mas atè vergonhozamante applaudida deixarà acazo de tornallos insensiveis; duros, extravagantes, irreflectidos? Como naõ contaminar-se pelo mào exemplo? Como resistir a torrente da liviandade? Assaz elementos de depravaçaõ tendem inevitavelmente a corromper o espirito do Homem, sem que muito de proposito se lhe ministre mais huma outra opportunidade de prostituir-se.

Sou

Eu.

N. B: Com alguma difficuldade consegui recordar-me de huns versos de hum amigo meu sobre este mesmo assumpto. Vaõ inclusos, naõ respondo comtudo pela exactidaõ do manuscripto, porque em fim saõ actos de memoria, faculdade, em que sou extremamente falho.

SONETO.

Du Japon au Perou, de Paris jusqu'á Rome
Le plus sot animal, á mon avis, c'est l'homme (*)

Boileau.

Em metro virulento, a voz austera
Levanta Despreaux ardendo em ira,
E zurzindo o Zurrague, ao Som da Lyr
A natureza humana dilacera.

E que he hoje d'esp'rar, quando a Severa
A rigida Razaõ so odio inspira?
Quando a vaã mocidade so respira
Vil Deboche que em crime degenera?

Que fructo podem dar Jovens incultos
Ja desde a tenra Infancia habituados
Somente a praticar actos d'estultos?

Em grosseiros brinquedos engolfado
Que lhes resta fazer chegando a adultos!
Morrer " bestas " quaes seus antepassados:

EPIGRAMA.

Por ter dado trez facadas
Prezo certo façanhudo
" Cuidava (diz) naõ ser crime....
" Foy hum brinquito de Entrudo "

(*) Da china ao Chili, de Paris te Rome.
Nada ha taõ besta como a especie do homem.

Trád. do A

*****

COMPPAS.

1 Quem quizer vender alguma negra ladina com bons costumes dirija se no Patio do Hospital em caza de Manoel Bernardino que acharà com quem ajustar.

VENDAS.

2 Quem pertender comprar duas Canoas boas de carreira, falle com Joaquim da Silva Liaõ, na rua do Queimado caza N. ° 69, para tratar do seu ajuste.

3 Quem quizer comprar huma amarra de ferro nova de suprior qualidade, com 50 braças de comprido, e duas polegadas, ou pouco mais em circonferencia, com o pezo de nove quintaes, pouco mais ou menos, procure na rua da Conceiçaõ no Recife, caza N. ° 27.

4 Quem quizer comprar rapé muito fresco, chegado por Occeano; e Genuino vinho velho de Feitoria em barriz de 5 e 2 almudes do Porto, dirijase ao Escriptorio de Joze Antonio de Oliveira, na rua da Conceiçaõ:

5 Quem quizer comprar dous escravos, hum criolo de 18 a 20 annos official de Çapateiro bom, de nome Joze, e hum mulato de nome Francisco, official de Alfaiate, para fora da terra, procure ao Advogado Sebastiaõ Antonio d'Albuquerque na rua do Rozario que os aprezentarà, e tratará dos seos preços.

FUGIDAS DE ESCRAVOS.

6 Ha oito dias fugio huma negra de naçaõ Calabar, de nome Joanna, estatura ordinaria, grossa, com vestido de paninho mettido em cor azul, bastante curto, cabeçaõ de brim de babados, e mangas quasi ao cotovello, pano azul com dous remendos, hum dos quaes de pano preto. Quem a encontrar leve-a as Cinco Pontas, a caza de Pedro Crisologo da Cunha Porto, para encaminhar a morada de seo Sr.

NOTICIAS MARITIMAS.

ENTRADAS

DIA 23 do corrente. = Nenhuma Entrada.

Dia 24 do dito. = Porto de Galinhas; 24 horas; S. Rainha dos Anjos, M. Manoel Domingos Gomes, equip. 7, carga caixas, ao M. — Rio de Janeiro; 34 dias; B. Ing. Heroine, M. Richard Tapleje, equip. 9, em lastro, a Harrisson e C., passageiros Joze Fernandes da Silva, Manoel Martins Pontes. — Alcobaça; 20 dias; S. S. Jose, M. Nicolaó Lopes Ferreira, equip. 9, carga Farinha, ao M.

Dia 25 do dito. = Havre de Grace; 36 dias; G. Franc. Mirondelle, M. Alegre, equip. 36, carga Fazendas.

SAHIDAS.

Dia 23 do dito. — Trieste; B. Ing. Saguenasi, M. Herri, equip. 9, carga caixas. — Serinhem; S. S. Jose Vencedor, M. Jose Rodrigues Pinheiro, equip. 16, em lastro. — Unna; H. S. Cruz, M. Felis da Costa, equip. 7, em lastro.

Dia 24 do dito. — Unna; S. Rozarinho, M. Jose Rodrigues, equip. 11, em lastro. — Havre de Grace; G. Franc. Bayoneza, M. Feret, equip. 14, carga Assucar, Couros, e Algodaõ.

Dia 25 do dito. — Havre de Grace; G. Franc. Sabine, M. Burete, equip. 14, carga Assucar, Couros, e Algodaõ.

PERNAMBUCO NA TYP. DO DIARIO, RUA DIREITA N. ° 267.